



A PRETEXTO DE APRESENTAÇÃO. Clarice Lispector *Perto do coração selvagem*

Prof. Dr. Ailton Siqueira
Prof. Dr. Dany Al-Behy Kanaan

Clarice
Veio de um mistério, partiu para outro.
(Carlos Drummond de Andrade)

Clarice Lispector teve sua vida envolta em mistérios. E mistério nos diversos sentidos que a palavra possui, tanto aqueles relacionados ao que é da ordem do segredo, do inacessível, do desconhecido e do inexplicável, por exemplo, quanto aquele, de sentido religioso, respeitando-se sua etimologia grega “... cerimônia religiosa secreta, segredo dos ritos religiosos...”, de acordo com o *Dicionário Houaiss*. Esta definição nos parece bastante interessante no contexto de nossa exposição, pois como algo inacessível aos leigos, não iniciados, refere-se tanto ao âmbito do conhecimento científico como aquele religioso, de algo que escapa à razão, exigindo nossa compreensão (apreender juntos) num nível mais profundo, que beira à contemplação, estado máximo de algo que passa a fazer sentido no nosso mais recôndito ser. Dito de outro modo, sentido dado pela suspensão do sentido racional e alcançado graças (termo melhor, impossível) ao esforço do auto/conhecimento (a barra é proposital, marcando a necessária relação com a alteridade que somos e nos habita, constitui), aquele que nos confronta com o mais misterioso em nós, à semelhança de uma epifania.

Curiosamente, todos esses sentidos de mistério, e termos como alteridade, razão/desrazão, epifania etc., adequam-se perfeitamente à vida e, também, à obra, de Clarice Lispector.

Termos de uso comum e também usados em contextos bem particulares, como o religioso, explorados pela escritora em sua obra, cujas marcas judaico-cristãs se deixam apreender facilmente. Em sua vida, não menos.

Clarice tinha vários mistérios, como aquele que a levou a ser convidada, em 1976 – portanto, no ano anterior a sua morte, em 9 de dezembro de 1977, um dia antes de seu aniversário, no qual completaria 57 anos –, a participar, representando



o Brasil, do Congresso Mundial de Bruxaria, em Bogotá. Neste, resumiu sua participação à leitura do conto “O ovo e a galinha”, declarando ser o mesmo um mistério para ela própria. Em um de seus depoimentos encontramos: “Minha nascente é obscura. Estou escrevendo porque não sei o que fazer de mim. (...) ... vou definitivamente ao encontro de um mundo que está dentro de mim, eu que escrevo para me livrar da carga difícil de uma pessoa ser ela mesma” (Lispector, 1978: p. 15-16).

Ao mesmo tempo que reivindica o mistério – “Eu tenho de ser legível quase no escuro” –, com a mesma força pede pelo reconhecimento de sua simplicidade – “Sou uma mulher simples. Não tenho sofisticação. Parece que me mitificaram. Eu não quero ser particular” (apud Borelli, 1981; p. 3).

Nas palavras se sua amiga Olga Borelli (ibid.; p. 3): “Clarice tinha algumas coisas diferentes, que provocava, porque não aguentava a rotina”. E, de fato, Clarice (1978; p. 17) reitera: “E não aguento o cotidiano. (...) Ser cotidiano é um vício”.

Os mistérios continuam... Até hoje, com o numeroso e crescente acervo da escritora, temos várias lacunas em sua biografia. Sempre uma informação nova surge, o que podemos notar facilmente em suas biografias e estudos teóricos. Lacunas que demonstram apenas como a vida transcende os fatos, estes somente pequenos momentos de uma existência muito maior. Novamente, nas palavras de Clarice: “Eu não tenho enredo. (...) sou inopinadamente fragmentária. Sou aos poucos. Minha história é viver” (Lispector, 1973; p. 87).

Viver, sim, mas não uma vida qualquer, nem demais pública e nem demasiadamente “particular”, mas em comunhão constante com outros seres misteriosos, como aqueles que compõem sua obra e aqueles com quem compartilhou sua vida.

Assim como os diversos documentos reunidos que ajudam a reconstituir sua vida, assim como os diferentes depoimentos de familiares, amigos e conhecidos ajudam a adentrar precária e provisoriamente no universo do que foi sua existência, nada, jamais, chega a desvendar o mistério deixado por Clarice e suas “reinações”. Esta referência é direta ao conto “Felicidade clandestina” (Lispector, 1971). Neste, encontramos uma preciosa pista de seus “encobrimentos”, de suas “lembranças



encobridoras” e, deste modo, mais um elemento de apoio ao mistério que ela própria criou em torno de si mesma.

Um exemplo interessante disso podemos encontrar, quando das primeiras críticas ao seu romance de estreia, *Perto do coração selvagem*, no que se refere ao ano de seu nascimento, a data de publicação do romance e sua idade à época.

Bosi (1992) considera 1926 o ano de seu nascimento, 1943 o ano de publicação do romance e a idade de 17 anos; Silverman (1982) traz o ano de 1925, como o de nascimento, 1944 como a da publicação e a idade de 19 anos; Campadelli e Abdala Jr. (1981) reiteram os dados de Silverman (1982); Gotlib (1988) considera o ano de 1925 como o de nascimento, os anos de 1943-1944 para término e lançamento e a idade de 18-19 anos, respectivamente, e em demais publicações e reedições de seus estudos, o ano de nascimento como 1920 e 1943 como o ano de publicação; Waldman (1983) traz o ano de 1925, como o de nascimento, 1944 como o de publicação e a idade de 19 anos, mas na edição seguinte de seu estudo, Waldman (1994), altera o ano de nascimento para 1920, mantém o ano de 1944 e a idade passa a ser 24 anos; Varin (1987) informa os mesmos dados de Waldman (1994).

Citamos acima apenas alguns exemplos, referentes aos primeiros dados biográficos e literários de Clarice. Hoje, em virtude, como dissemos, do grande acervo de Clarice Lispector, encontramos a informação segundo a qual *Perto do coração selvagem* foi publicado em dezembro de 1943, razão pela qual encontramos ainda atualmente o ano de 1944 como referência em estudos e fichas catalográficas de seus livros. Por esse motivo, em nosso Número Especial em comemoração aos oitenta anos de publicação do primeiro romance de Clarice Lispector, estamos considerando o ano de 1944 como referência. Se alguém vê aí alguma semelhança à publicação de *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud, não está enganado. Neste caso, o livro, publicado em 1889, foi lançado com a data de 1900, como é conhecido até hoje. O motivo? A virada do século e, portanto, a novidade, a atualidade, marcando um novo tempo, mas também uma questão de vaidade. No caso de Clarice, podemos ler o fato, no contexto desta apresentação, de dois modos. No primeiro caso, a publicação datada em 1943, marcaria, como vimos, a precocidade de sua autora; no segundo, a novidade e atualidade da obra.



Clarice, segundo consta em alguns estudos, omitia dados de sua biografia. A questão não possui grandes mistérios – ou, ao contrário, acrescenta-lhe novos – à primeira vista. O ano de nascimento e de lançamento implicam diretamente à idade de Clarice quando da publicação do livro: ou uma jovem adolescente ou uma jovem mulher. E, claro, como em Freud, também por vaidade. Nas palavras de Clarice: “Por que nasci? Por um quase. Podia ser outra. Podia ter nascido homem. Felizmente nasci mulher. E vaidosa. Prefiro que saia um bom retrato meu no jornal do que os elogios” (Lispector, apud Waldman, 1983; p. 13).

Enfatizamos esta questão porque julgamos relevante para demonstrar como Clarice criou para si uma ficção biográfica, como criou sua ficção literária. Ambas complementando-se e, por vezes, confundindo-se. Em toda sua obra vamos encontrar elementos de sua biografia, como em sua biografia iremos constatar vários episódios que narra em sua ficção. Ela própria alertou seus leitores, curiosos sobre o fato. Assim respondendo ao um deles, à época que escrevia sua coluna para o *Jornal do Brasil*, quando inquerida sobre se delatar em suas crônicas:

Por enquanto, L. de A., não estou largando a coluna: mas aprendendo um jeito de defender minha intimidade. Quanto a me delatar, realmente isso é fatal, não digo nas colunas, mas nos romances. Estes não são autobiográficos nem de longe, mas fico depois sabendo por quem os lê que eu me delatei. No entanto, paradoxalmente, e lado a lado com o desejo de defender a própria intimidade, há o desejo intenso de me confessar em público, e não a um padre (Lispector, 1984, p. 97).

Não é casual que podemos encontrar em Clarice muito do gênero confessional, mais um traço do que temos apontado desde o início deste texto sobre as marcas da tradição judaico-cristã em sua vida e obra. Marcas, inclusive religiosas, numa das acepções da palavra, *religare*, que denota a relação com uma divindade, ou seja, com o *Mistério*. E voltamos à origem...

Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1920, na pequena cidade de Tchechelnik, na Ucrânia. De origem judaica, e em virtude da perseguição aos judeus, Clarice vem para o Brasil com seus pais e duas irmãs. Desembarcam do navio Cuiabá em Maceió, em março de 1922. Ou seja, quando Clarice possui um ano e três meses, e não dois meses de idade, como diz em entrevista a Júlio Lerner, em 1977, no programa televisivo Panorama Especial.



Talvez como uma maneira de pertencer ao novo mundo, seus pais procedem a uma troca de nomes. Pinkas, o pai, passa a se chamar Pedro; sua mulher, Mania, passa a ser Marieta; sua filha Lea recebe o nome de Elisa; apenas Tania manteve seu nome. Aquela que conhecemos hoje pelo nome de Clarice, originalmente chamava-se Haia.

A vida difícil da família não impediu Clarice e suas irmãs de estudarem e ter acesso a uma vida mais próspera.

Foi no Rio de Janeiro, para onde mudaram com o pai, após a morte de sua mãe, que a família se fixou e novas e melhores possibilidades se abriram para todos.

Nesta cidade, após trabalhos aos quais não se adapta, Clarice ingressa na Agência Nacional, como redatora, onde conhece grandes nomes da literatura da época, e com alguns estabelece fortes vínculos, em especial com Lúcio Cardoso, amor proibido e impossível, a quem dedica uma crônica póstuma, emocionada e com marcas confessionais. “... ele fora a pessoa mais importante da minha vida durante a minha adolescência (...). Em tantas coisas éramos tão fantásticos que, se não houvesse a impossibilidade, quem sabe teríamos nos casado”, confessa ela. (Lispector, 1984; p. 244)

É a Lúcio Cardoso que confia os originais de seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, e dele recebe a sugestão para o título, aproveitando uma frase de Joyce, em *Retrato do artista quando jovem*. Lúcio também se encarregou de procurar editora para o romance. Recusado pela editora José Olympio, por tratar-se de “... um trabalho personalíssimo, em técnica e em essência, que fugia por completo das regras usuais” (Perez, 1964; p. 78), aceita publicá-lo, na base da aventura, pela editora A Noite, responsável pelo jornal *A Noite*, no qual trabalha na ocasião. Os mil exemplares se esgotam rapidamente.

O mesmo fato encontra outra versão em Borelli (1981; p. 46). Segundo seu depoimento, terminado o romance, Clarice procura o crítico Álvaro Lins e pergunta se vale a pena publicá-lo. Este pede que ela lhe telefone dali a uma semana, tempo para ler e avaliar o material. Terminado o prazo, sugere que ela procure Otto Maria Carpeaux, pois não entendera o livro. Clarice não o procura. Foi até uma grande editora (José Olympio), que recusa os originais. Faz, então, um acordo com a editora A Noite e publica o romance, sem nada pagar e sem nada receber.



Mas, bem ao estilo de Sherazade, a história não termina aí. Segundo Montero (2021), por meio do depoimento de Francisco de Assis Barbosa, os originais foram, de fato, encaminhados a Carpeaux, que teria dito: “É uma porcaria” (ibid.; p. 237). E foi graças a um movimento de colegas de redação e amigos que o livro foi publicado, sem ônus e sem bônus, pela editora A Noite. No mesmo depoimento, contradizendo o que encontramos em Borelli, acima, o livro parece não ter tido uma venda expressiva, apesar de boas críticas. Não deixa de notar, contudo, a teimosia da jovem escritora, que se recusava a aceitar interferência em sua criação, não aceitando sugestões que modificassem seu “original”. Aliás, como em criança: “Teimosa a ponto de, quando uma professora, me apontando um desenho meu, insinuou ‘falta uma coisa aqui, não é?’, eu respondi: ‘Nasceu assim, fica assim mesmo’.” (Bloch, 1989; p.9) Fica mais um mistério...

Álvaro Lins foi um dos críticos que mais mobilizou Clarice. Suas críticas apontam o que há de mais “estranho”, “inédito”, “desconcertante” em sua obra. Clarice, abatida nos planos pessoal e autoral, desabafa:

... as críticas, de um modo geral, não me fazem bem: a do Álvaro Lins me abateu e isso foi bom de certo modo. Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro [*Perto do coração selvagem*], porque o diabo do homem só faltou me chamar de “representante comercial” deles (Lispector, apud Borelli, 1981, p. 105).

Ocorre que o crítico fala do lugar da norma, sobretudo marcado pelo romance regionalista da época. Assim, refere-se, talvez o mais brilhante crítico de sua obra, Benedito Nunes (1989, p. 12):

Perto do coração selvagem (1944), que assinalou a estreia de Clarice Lispector, impôs-se à atenção da crítica pela novidade que a densidade psicológica, a maneira descontínua de narrar e a força poética desse romance representaram no panorama da ficção brasileira, então profundamente marcado pelo documentarismo social da década 30.

Clarice com seu romance subverte aquilo que era esperado, apresentando um romance que viola todos os códigos, inclusive aquele que dita o lugar da mulher na sociedade e na literatura. Afinal, São Paulo já havia prevenido sobre o risco de elação



no sexo feminino, sempre propenso à vaidade: “Letras que geram elação, não as quer Deus na mulher”.

Sim, as críticas mais contundentes neste sentido vêm de Álvaro Lins, o mesmo que havia dito, segundo relato da escritora, que não entendera o livro. No entanto, quando de sua crítica após a publicação do livro, intitulada “Clarisse Lispector: a experiência incompleta”, ainda que de forma negativa, Lins aponta marcas essenciais na narrativa, como o lirismo, o narcisismo e a fragmentação. (Para uma discussão mais aprofundada sobre a repercussão da crítica sobre Clarice, sugerimos a leitura do ensaio de Iza Maria Abadi de Oliveira, nesta Revista, e de Dany Kanaan [1994 e 2001].)

Clarice diz que começou a escrever o romance com muita angústia. As ideias lhe ocorriam a qualquer momento, na rua, na faculdade, no jornal etc. e no momento de transpô-las para o papel, em casa, não conseguia redigir. Foi assim que compreendeu que para ela ideia e forma vinham juntas e que seu método de trabalho deveria ser o da anotação imediata.

Nova preocupação advém: a quantidade exagerada de notas. Lúcio Cardoso vem em seu socorro: se todas as notas se referem ao mesmo assunto, o livro está ali. Nove meses depois o livro está pronto. “E se não tive de reescrever uma linha – diz – foi porque, enquanto anotava, já o fazia de maneira definitiva.” (Perez, 1964, p. 78)

Enquanto trabalha, cursa a Faculdade Nacional de Direito, onde conhece seu futuro marido, Maury Gurgel Valente, com quem se casa em 1943. Após seu casamento, muitas mudanças advêm. Dentre elas, as constantes mudanças de país, acompanhando o marido diplomata. Foi quando estavam em Nápoles, em 1944, que recebeu a notícia de que *Perto do coração selvagem* fora agraciado com o “Prêmio Graça Aranha”.

Um novo mundo e uma nova vida têm início para Clarice.

Em Berna, finaliza seu segundo romance, *O lustre* (1946), começado no Brasil e para onde o envia para publicação. Depois deste, outros romances virão: *A cidade sitiada* (1949), *Alguns contos* (1952) ... *Laços de família* (1960).

Laços de família marca também a separação de Clarice Lispector e seu retorno ao Brasil com os dois filhos, Pedro e Paulo.



A distância da família e dos amigos, após tantos anos de casamento, assim como alguns conflitos conjugais, calam alto em Clarice.

Inconformado e sofrendo pela separação, Maury Gurgel Valente escreve uma belíssima carta a Clarice, numa tentativa de reconciliação. Nesta, brilhantemente, traça um paralelo entre a vida de ambos e o primeiro romance da mulher, *Perto do coração selvagem*. Autorreferindo-se como Otávio e referindo-se a Clarice como Joana e, por vezes, Lídia, utiliza-se de vários trechos do romance para descrever o que entende como questões de ambos, tentando ao mesmo tempo sensibilizar e alertá-la para que não repita na vida real deles o que ocorre no plano ficcional com seus personagens. Ou seja, que não confunda suas vidas com a de seus personagens, que não misture realidade e ficção. Apenas a título de ilustração, um pequeno trecho da carta:

Talvez eu devesse me dirigir a Joana e não a Clarice. Perdão de não lhe ter dado o apoio e a compreensão que você tinha direito de esperar de mim. Você disse que não era feita para o casamento, antes de casar. Em vez de tomar isso como uma bofetada, eu deveria interpretar como pedido de apoio. Faltei-lhe nisso e em muitas outras coisas. Mas intuitivamente jamais deixei de acreditar que coexistissem em você, Clarice, Joana e Lídia. Rejeitei Joana porque o seu mundo me inquietava, ao invés de dar-lhe a mão. Aceitei, demais, o papel de Otávio e acabei me convencendo de que “éramos incapazes de nos libertar pelo amor (Apud Gotlib, 1995, p. 318).

A carta provoca uma convulsão em Clarice. Não sem motivo. Mas o destino dos dois amantes já estava escrito. Separados, Joana parte em uma viagem de navio e Otávio casa-se com Lídia. Clarice volta ao Brasil com seus dois filhos e Maury, anos depois, casa-se com Isabel.

Os mistérios em torno da vida e da obra de Clarice Lispector nunca deixarão de existir. A existência por si é o mistério maior. Mas nossa trajetória termina aqui. Nosso intuito foi apenas destacar alguns breves momentos e algumas situações que possam situar os leitores sobre Clarice e seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, a quem dedicamos esse número especial da presente Revista.



REFERÊNCIAS

- BLOCH, Pedro (1989). **Pedro Bloch entrevista**. Rio de Janeiro: Bloch Ed.
- BORELLI, Olga (1981). **Clarice Lispector**: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BOSI, Alfredo (1992). **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix.
- CAMPADELLI, S. e ABDALA Jr., B. (1981). Biografia. In: LISPECTOR, Clarice. **Clarice Lispector**. São Paulo: Abril Cultural. (Literatura Comentada, 7)
- ___ (1995). **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática.
- KANAAN, Dany Al-Behy (1994). **Clarice Lispector**: a libertação pela escrita Ou A via-crúcis do corpo. São Paulo: PUC-SP. (Dissertação de Mestrado)
- ___ (2001). **À escuta de Clarice Lispector**. Entre o biográfico e o literário: uma ficção possível. São Paulo: Educ-Limiar.
- LISPECTOR, Clarice (1943 [1944]). **Perto do coração selvagem**. São Paulo: Rocco, 2019.
- ___ (1971). **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ___ (1978). **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ___ (1984). **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MONTERO, Teresa (2021). **À procura da própria coisa**: uma biografia de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco.
- PEREZ, Renard (1964). **Escritores brasileiros contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SILVERMAN, Malcolm (1982). A ficção em prosa de Clarice Lispector. In: **Moderna ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira-INL.
- SIQUEIRA, Ailton (2022). **A odisseia de si**. Reconstrução do homem em Clarice Lispector. Mossoró, RN: Edições UERN.
- WALDMAN, Berta (1983). **Clarice Lispector**. A paixão segundo C.L. São Paulo: Brasiliense. (Encanto Radical)
- ___ (1994). **Clarice Lispector**. A paixão segundo C.L. 2 ed. São Paulo: Escuta.